

METROPOLITANA

TEMPORADA
2021 | 2022

NOVA
UNIVERSIDADE NOVA
DE LISBOA

Rossana Valente
Flauta

Maestro
Jean-Marc Burfin

ORQUESTRA ACADÉMICA METROPOLITANA

SCHUBERT MOZART

SEXTA 12 NOVEMBRO - 21H00
AUDITÓRIO DA REITORIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Rossana Valente © Hamus Studio

FUNDADORES



MECENAS
PRINCIPAL



PATROCINADOR
PRINCIPAL



PATROCINADORES



SCHUBERT MOZART

Franz Schubert (1797-1828)

Sinfonia N.º 7, em Si Menor, D. 759, *Incompleta* (1822)
(duração aproximada: 28 min.)

I. *Allegro moderato*

II. *Andante con moto*

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)

Andante em Dó Maior, para flauta e orquestra, KV 315/285e (1778)
(duração aproximada: 7 min.)

Wolfgang Amadeus Mozart

Sinfonia N.º 38, em Ré Maior, KV 504, *Praga* (1786)
(duração aproximada: 30 min.)

I. *Adagio - Allegro*

II. *Andante*

III. *Presto*



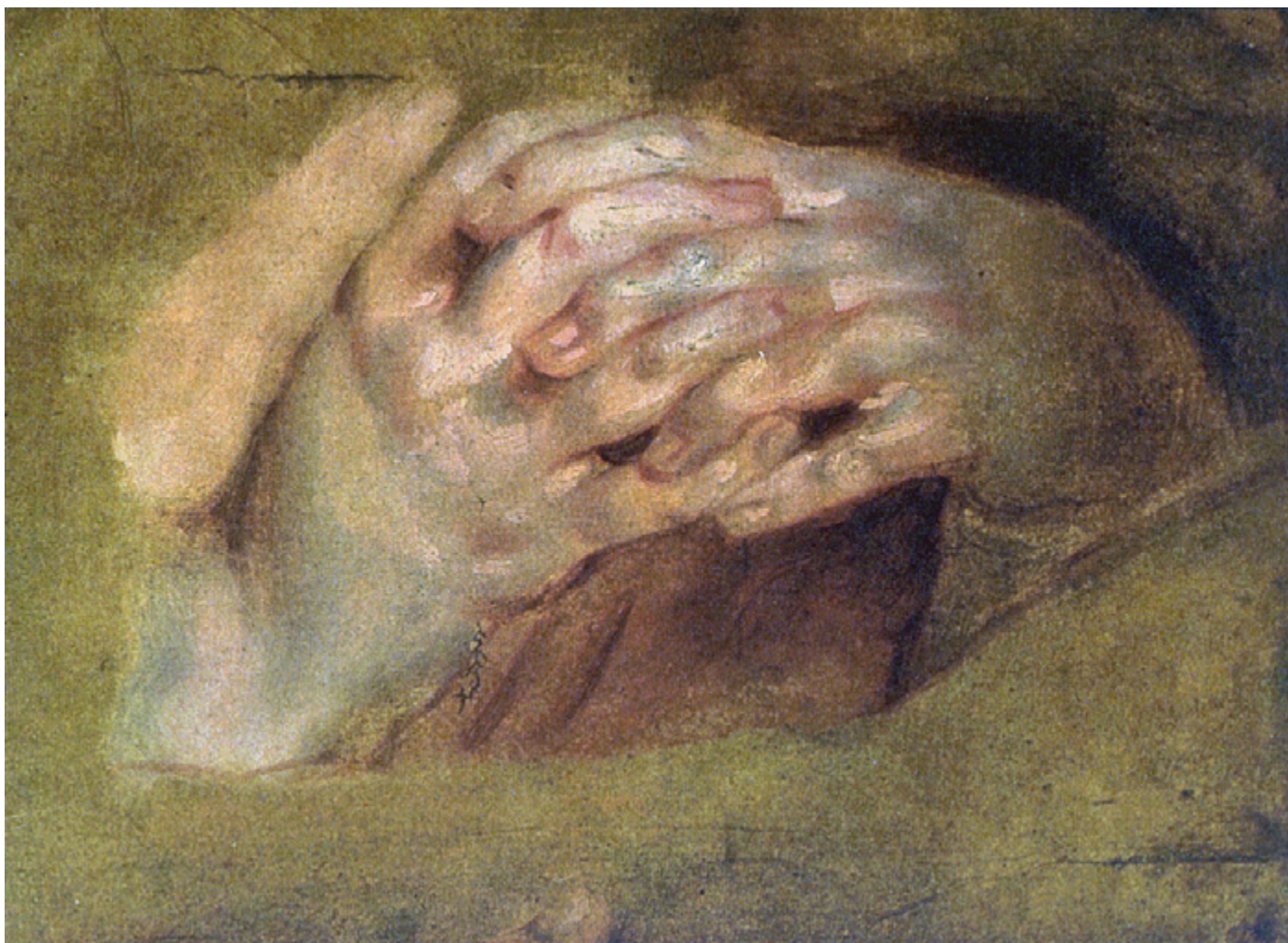
AMIGOS DA METROPOLITANA TEMPORADA 2021 / 2022

SETEMBRO 2021 A JULHO 2022 CARTÃO - 50€

MAIS INFO

www.metropolitana.pt | relacoespublicas@metropolitana.pt | 21 361 73 20

AMIGOS
DA METROPOLITANA



A INCOMPLETA DE SCHUBERT

A *Sinfonia Incompleta* é a mais popular das sinfonias de Schubert. Chama-se assim porque só nos chegaram os dois primeiros andamentos. Estes foram escritos seis anos antes da morte do compositor, e não se conhece a razão pela qual abandonou o projeto. Pode lamentar-se que assim tenha acontecido, mas também podemos dar graças pela existência destas páginas. Houve quem lhes chamasse «A meia sinfonia completa» de Schubert.

Em bom rigor, Franz Schubert escreveu mais do que uma sinfonia incompleta. Na tradição clássica pressupõe-se que uma sinfonia tenha quatro andamentos. Schubert reconhecia-se nesta ideia, até porque tinha como modelo os legados de Haydn, Mozart e Beethoven. Porém, ao contrário do que se possa pensar, a composição de obras orquestrais correspondia à vertente mais privada da sua vida artística. Cabia às canções com piano preencher a dimensão pública, por vezes boémia, da sua criatividade. Quer isto dizer que o compositor austríaco escrevia sinfonias para satisfazer uma

ambição artística grandiosa mas, para seu infortúnio, nunca viu qualquer uma delas ser publicada. Deste modo, justifica-se que tenha abandonado vários projetos sinfónicos a meio, já que não havia que satisfazer compromissos acordados.

Schubert tentou compor treze sinfonias ao longo da vida. Somente sete foram cabalmente terminadas, seis delas entre os dezasseis e os dezanove anos de idade. Poucos anos mais tarde, mas já perto do final da vida, concluiu a sinfonia em Dó Maior, que se conhece hoje como *A Grande*, por vezes também indicada como a Sinfonia N.º 9. Existem, portanto, não uma, mas seis sinfonias incompletas de Schubert. Aos catorze anos esboçou fragmentos de uma Sinfonia em Ré Maior. Com datas posteriores à da Sinfonia N.º 6, conhecem-se diversos manuscritos dispersos, alguns dos quais pertencentes ao último período. Entretanto, falta na Sinfonia N.º 7 um número importante de páginas, ainda que seja possível uma reconstrução aproximada. Já em 1822, compôs os dois primeiros andamentos de uma Sinfonia que é frequentemente incluída nas programações das orquestras na atualidade, a *Sinfonia Incompleta*.

Esta é uma obra misteriosa por diversas

razões. Primeiro, porque conhecendo-se somente os dois primeiros andamentos, somos convidados a imaginar o seu desenlace. Depois, porque existem especulações que apontam para a possibilidade de o último andamento ter sido desviado pelo próprio compositor para a peça de teatro *Rosamunde, princesa de Chipre*, porventura para obter algum proveito financeiro imediato. E ainda, porque apresenta um estilo de escrita repleto de momentos de impasse e efeitos contrastantes inusitados. Ao longo de todo o primeiro andamento o compositor nunca satisfaz o ouvinte com uma ideia verdadeiramente levada até ao fim. Sucedem-se «perguntas, e mais perguntas», mas sempre sem resposta. O segundo andamento é dominado de início pelos uníssonos das cordas e o registo solene das madeiras, mas vê-se interrompido por diversas vezes com episódios ora de aparente apatia ora surpreendentemente dramáticos. As interrogações acumulam-se e, todavia, parece não faltar nada. Talvez por esse motivo o compositor inglês Brian Newbould tenha evitado a denominação de *Sinfonia Incompleta*. Preferia chamar-lhe «meia sinfonia completa».

Aquarela ilustrativa da cena d'A flauta mágica em que Tamino enfrenta a última prova | Max Slovoff (1868–1932) ca. de 1920 | Fonte: Wikimedia Commons



UM ANDANTE ALTERNATIVO

O *Andante* em Dó Maior para flauta e orquestra foi composto durante os quatro meses em que Mozart permaneceu em Mannheim, no decurso da digressão que então fazia por vários países da Europa. Há quem relacione a sua melodia com a cena d'*A flauta mágica* em que Tamino, acompanhado por Tamina e sob proteção do som da flauta, consegue vencer as provas da água e do fogo.

Mozart partiu de Salzburgo em setembro de 1777. Passou primeiro por Munique e por Augsburg antes de chegar a Mannheim, um dos centros musicais mais importantes da época. Conheceu aí

Johann Baptist Wendling, um exímio flautista que estava ao serviço da corte e lhe conseguiu uma encomenda de grande valor, dada a precariedade financeira do músico. O mecenas era Ferdinand Dejean (1731-1797), um médico e físico reputado de origem holandesa, muito viajado pelo mundo e que então se encontrava em Mannheim. Pretendia um conjunto de partituras que ele mesmo pudesse tocar na flauta. Mozart demorou algum tempo a responder à encomenda. Na data em que Dejean partia para Paris, Mozart alegou já ter entregue os dois concertos e os três quartetos acordados. Em verdade, Mozart terá entregue o Concerto para Flauta e Orquestra em Sol Maior KV 313, uma transcrição de um concerto para oboé preexistente, o KV 314, e o quarteto KV 285,

permanecendo hoje dúvidas acerca dos quartetos 285a e 285b. Insatisfeito, Dejean terá pago somente metade do dinheiro.

Muito embora não seja possível comprová-lo, é bastante provável que o *Andante* em Dó Maior tenha sido composto para substituir o andamento lento do concerto em Sol Maior referido em cima, o qual não terá agradado muito, em virtude da densidade dramática que o caracteriza. Talvez por isso, a nova composição apresente um ânimo mais afável. Por entre o registo arioso da parte solista, com toda a sua beleza, vislumbra-se uma impressão expectante introduzida pelo motivo de cinco acordes que se escuta logo de início em *pizzicatos* das cordas e que reaparece diversas vezes.

A SINFONIA PRAGA

W. A. Mozart esteve em Praga em três ocasiões: primeiro no início de 1787, depois em outubro e novembro do mesmo ano e, ainda, pouco antes do final da vida, em 1791. As suas obras que estão mais estreitamente ligadas à história daquela cidade são as óperas *As bodas de Figaro*, *Don Giovanni* e *La Clemenza de Tito*. Mas também a *Sinfonia Praga*. Curiosamente, quando esta foi composta, em 1796, o compositor não tinha em mente a capital checa, mas sim uma viagem a Inglaterra.

Em boa verdade, a criação desta sinfonia não foi inspirada na cidade que lhe deu o nome. Tal título deve-se à circunstância de ter sido efetivamente estreada em Praga, no início do ano de 1787. Durante muito tempo pensou-se que Mozart tinha composto a obra para essa ocasião. Porém, tal deslocação só se proporcionou em virtude do extraordinário sucesso que uma produção da ópera *As bodas de Figaro* ali obteve no início de dezembro de 1786. Ora, nessa altura a partitura já estaria completada. Ainda assim, a designação é absolutamente merecida. Em todo o seu percurso biográfico, Praga terá sido a

cidade que melhor acolheu o músico de Salzburgo. Segundo um relato do próprio, eram muitos aqueles que pelas ruas trauteavam e assobiavam as suas melodias, pelo que não terá hesitado em oferecer a primeira audição desta sinfonia. E não se arrependeu. Foi amplamente aclamada e tornou-se num monumento ao amor pela música que ainda hoje se respira nas margens do rio Moldava.

Em si mesma, esta obra representa um passo em frente na evolução do estilo clássico. Desde a composição da *Sinfonia Linz*, em 1783, Mozart havia-se empenhado noutros formatos, tais como a ópera, o concerto para piano e a música de câmara. A *Sinfonia Praga* reflete, assim, os novos horizontes que nesse período se descobriram, traduzindo-se num passo em frente dado no sentido de uma escrita orquestral mais sofisticada e de maior efeito dramático. Aos trinta anos de idade, o percurso criativo de Mozart tinha entrado numa nova fase e atingido uma maturidade sem precedentes. Em cada página, revela-se uma nova maneira de encarar a escrita sinfónica. Os motivos melódicos relacionam-se num entrelaçado de ideias em que a fragmentação deliberada dos temas não compromete a integridade da obra. Também apresenta uma escrita muito mais exigente para os

músicos, com inúmeras passagens ritmicamente complexas e figurações rápidas que colocam à prova a destreza técnica de qualquer instrumentista, em particular dos sopros, o que à data era bastante inovador. Surpreende, também, por ter três andamentos, numa época em que as grandes sinfonias tinham quatro – fica a faltar um minueto, entre a expressiva serenidade do andamento lento e a efervescência rítmica do último.

Tudo começa com uma introdução lenta e extremamente dramática, à semelhança da abertura de uma ópera. Seria prenúncio de *Don Giovanni*, a ópera que estreou no palco do Teatro Nacional de Praga dez meses mais tarde. Mas é o segundo andamento que mais se aproxima do drama lírico, com três temas melódicos que se sucedem como num desfile de personagens. Por sua vez, também a melodia do último andamento vem ao encontro da influência teatral. Consiste numa citação do dueto entre Susanna e Cherubino que se ouve no segundo ato de *As bodas de Figaro*. Com estrutura relativamente simples, este último andamento brota de uma escrita cristalina onde impera a economia dos recursos utilizados.

TEXTOS DE RUI CAMPOS LEITÃO



Praga em 1853 | Pintura de Ferdinand Leprieu | Wikimedia Commons

ROSSANA VALENTE
FLAUTA

Rossana Valente, natural de Aveiro, nasceu em 1997 e iniciou os estudos musicais aos 6 anos de idade no Conservatório de Música de Águeda. Um ano mais tarde, no mesmo conservatório, iniciou-se na aprendizagem de flauta na classe do professor Herlander Sousa. Em 2015 ingressou na Academia Nacional Superior de Orquestra, na classe do professor Nuno Inácio, onde se licenciou com obtenção de nota máxima no recital final e, em 2020, aluna de Robert Winn, obteve com distinção o grau de Mestre em Música pela Hochschule für Musik und Tanz Köln. Como aluna, participou em masterclasses com Adriana Ferreira, Ana Maria Ribeiro, Emily Beynon, Marta Gonçalves e Nuno Inácio. Participou também na temporada 2015/16 da Jovem Orquestra Portuguesa e nas edições de 2018 e 2019 da Orquestra Estágio Gulbenkian.

Ao longo do seu percurso profissional tem vindo a colaborar com orquestras nacionais e internacionais, entre as quais a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Lisbon Film Orchestra, a Orquestra de Câmara de Almada, a Orquestra Filarmónica Portuguesa, a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Nova Filarmónica da Vestfália e o Ensemble Colónia, sendo dirigida por maestros como Alexander Rumpf, David Smith, Dietrich Paredes, Eivind Gullberg Jensen, Emilio Pomàrico, Evgeny Bushkov, Jean-Marc Burfin, Joana Carneiro, Jonas Alber, Michael Zilm, Pedro Amaral, Pedro Carneiro e Pedro Neves.

Os seus esforços e empenho valeram-lhe a atribuição de inúmeros prémios e reconhecimentos, entre eles o 2.º Prémio Hochschulinternen Wettbewerbs (2020), o 2.º Prémio do Festival Verão Clássico (2018) e o 1.º Prémio do Concurso Prémio INATEL/Metropolitana (2018), o que lhe permitiu estreitar-se a solo com a Orquestra Académica Metropolitana tocando o Concerto para Flauta de Carl Reinecke no Auditório da Reitoria da Universidade Nova e no Fórum Municipal Luísa Todi. Adicionalmente, Rossana Valente foi premiada com várias bolsas, entre elas a Bolsa Rotary Club de Portugal e a Bolsa Fundação GDA – Gestão do Direito dos Artistas, ambas entre os anos de 2018 e 2019, e a Bolsa Fundação Calouste Gulbenkian, entre os anos de 2019 e 2020.

Atualmente, Rossana Valente é Academista na Orquestra Essener Philharmoniker, participando ativamente em vários programas sinfónicos e óperas integrantes da temporada 2021/22. Realiza, ainda, o Konzertexamen na classe do Professor Robert Winn, na Hochschule für Musik und Tanz Köln, o que lhe confere o mais alto nível de pós-graduação oferecido por este estabelecimento de ensino.

JEAN-MARC BURFIN
MAESTRO TITULAR DA ORQUESTRACADÉMICA METROPOLITANA

Entra em 1983 para o Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde obtém, em junho de 1987 e por unanimidade do júri, o 1.º Prémio de Direção de Orquestra na classe de Jean-Sébastien Béreau depois de ter feito os seus estudos nos Conservatórios de Nancy, Metz, Estrasburgo e Reims.

Durante as masterclasses que frequentou, foi encorajado pelos seus mestres Franco Ferrara, Charles Bruck, Pierre Boulez e Vitaly Kataev. Diplomado pela Academia de verão do Mozarteum, em Salzburgo, é convidado para dirigir a Orquestra do M.I.T. de Boston em 1984, ao lado de Lorin Maazel.

Na sequência de um seminário internacional em Fontainebleau, é notado por Leonard Bernstein e em julho de 1987 convidado para dirigir a Orquestra de Paris.

Em 1990/1991 recebe uma bolsa franco-soviética para aperfeiçoamento dos seus conhecimentos do repertório russo com Alexandre Dmitriev, no Conservatório Rimski-Korsakov de São Petersburgo.

No Concurso Internacional de Jovens Diretores de Orquestra de Besançon em 1991 foi finalista laureado, e recebeu um prémio especial da Orquestra da Rádio-Televisão de Moscovo através do seu Diretor Vladimir Fedosseiev.

Jean-Marc Burfin dirigiu várias orquestras, tanto em França como no estrangeiro (Colonne, Lamoureux, Pays de la Loire, Poitou-Charentes, Picardie, Potsdam Philharmonie, Würtembergische Philharmonie, Sinfónica de Oviedo, entre outras). Foi Diretor Artístico da Orquestra Metropolitana de Lisboa na temporada 2003/2004.

Gravou um CD na editora naxos, consagrado à obra de Vincent d'Indy.

Pedagogo reconhecido, é um dos raros maestros em atividade a ensinar direção de orquestra.

Atualmente é professor na Academia

Nacional Superior de Orquestra e Maestro Titular da Orquestra Académica Metropolitana.

ORQUESTRACADÉMICA METROPOLITANA

A OAM estreou-se em 1993, na sequência da criação da Academia Nacional Superior de Orquestra – uma instituição única no país, destinada a formar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra. Desde o seu início, a OAM é orientada por Jean-Marc Burfin, seu maestro titular. Constituída inicialmente por menos de trinta elementos, a OAM é hoje uma formação sinfónica englobando cerca de 70 músicos. Com uma temporada que se estende ao longo de cada ano letivo, a OAM mantém uma atividade regular de ensaios e concertos, apresentando-se não só na Área Metropolitana de Lisboa como também noutras localidades do país.

Com largas centenas de concertos realizados, abarcando um repertório que vai do Barroco à música do século XX, a OAM tem executado obras de compositores tão representativos como Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Brahms, Schubert, Mendelssohn, Mahler, Ravel, Debussy, Milhaud, Bartók, Hindemith, Stravinsky e Varèse, entre outros.

Para além do seu maestro titular, a OAM é habitualmente dirigida pelos alunos do Curso Superior de Direção de Orquestra. Muitos dos concertos contam com a presença de maestros convidados, tais como Jean-Sébastien Béreau, Pascal Rophé, Robert Delcroix e Brian Schembri. A OAM possibilita ainda aos alunos da Academia a apresentação regular a solo com orquestra. Teve, ainda, o privilégio de tocar com vários solistas de renome como António Rosado, Gerardo Ribeiro, Paulo Gaio Lima, Liliane Bizineche, Francine Romain, Miguel Borges Coelho, Artur Pizarro, François Leleux e, num concerto humorístico, o quarteto italiano Banda Osíris.

Entre as suas deslocações, a OAM participou no Porto 2001 Capital da Cultura, num encontro internacional de orquestras de jovens onde tocou o *War Requiem* de Britten. Fez várias digressões pelos Açores e esteve no VII Ciclo Internacional de Orquestras Universitárias, em Saragoça, e subiu ao palco do Théâtre de la Monnaie, em Bruxelas.

A Academia Nacional Superior de

Orquestra é uma instituição única no país, pela forma como interliga a formação com a prática musical. Especificamente destinada a preparar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra, o ensino aqui ministrado baseia-se num

acompanhamento individual especializado, na prática de música de câmara e numa componente teórica complementar, sendo a Orquestra Académica Metropolitana o eixo central da formação destes jovens músicos. Os resultados pedagógicos são bem evidentes

pelo número de alunos premiados em concursos de renome, pelas admissões dos estudantes aqui formados nas melhores escolas internacionais e pela alta taxa de empregabilidade destes jovens quando chegam ao mercado de trabalho.



© Marcelo Albuquerque | Metropolitana

FLAUTAS

**ANA CLARA SOUSA
LUÍS MARTO
BEATRIZ MARQUES
LEONOR PAIVA**

OBOÉS

**GUILHERME CRUZ
ELIANA NYAGU
RODRIGO MARQUES
BEATRIZ TOMÁS**

CLARINETES

**CARLOS REIS
BEATRIZ CASTRO**

FAGOTES

**DANIELA CORTEZ
BÁRBARA ROSADO
MIRIAM CUNHA**

TROMPAS

**LÚCIA MARQUES
CAROLINA MORTE
CÉSAR LUÍS
LILIANA MARQUES**

TROMPETES

**MARIA CAROLINA BAPTISTA
AFONSO DAVID
RAFAEL SIMÕES
SÉRGIO CABRAL**

TROMBONES

**LUÍS OLIVEIRA
TOMÁS GONÇALVES
TIAGO CORTES**

TÍMPANOS

**TOMÁS LUIZ
BRUNO PEDREIRA**

1.º VIOLINOS

**ANA CAROLINA CORREIA
ANA RITA ALMEIDA
ANDRÉ LEAL
CÍNTIA SEBASTIÃO
CLARA RAMOS
DIOGO MATEUS
FRANCISCA BONACHO
FRANCISCO COSTA
GUILHERME L. REIS
INÊS AVELAR
INÊS MARQUES
INÊS NOGUEIRA
LEONARDO MARTINS
LUÍSA SEMEDO
SÓNIA FIGUEIREDO**

2.º VIOLINOS

**ANA MASSACOTE
CAROLINA PARDAL
CRISTIANA HERCULANO
FILIPA BRAAMCAMP
JOÃO PIMENTA MARTINS
JOSÉ RIBEIRO
LÍA CARIDE
MARGARIDA GRAÇA
NUNO RODRIGUES
SIMÃO MASON**

VIOLAS

**ANA ALEXANDRA RUSSO
ANDRÉ TEIXEIRA
CAMILLE ESTEVÃO
LEANDRO NAMORA
SARA VALENTIM
VLADIMIRA PLUGARU**

VIOLONCELOS

**ANDRÉ ALVES
BEATRIZ CORREIA
INÊS COELHO
LÍVIA MENDES
RUI MOTA**

CONTRABAIXOS

**GUILHERME REIS
FÁBIO PASCOAL**

METROPOLITANA

DIRETOR EXECUTIVO Miguel Honrado
DIRETOR ARTÍSTICO Pedro Neves
DIRETOR PEDAGÓGICO Yan Mikirtumov

FUNDADORES



Ministério da Cultura
Ministério da Educação (representado pelo SE Adjunto e da Educação e pelo SE da Juventude e Desporto)
Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo

MECENAS PRINCIPAL



PROMOTORES

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal de Lourinhã
Câmara Municipal de Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

PARCEIROS EM 2021

Câmara Municipal de Almada
Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



PARCEIRO DO PROGRAMA "MÚSICA E CIÊNCIA"



PATROCINADOR PRINCIPAL



PATROCINADORES



PARCERIAS

Antena 2 | São Luiz Teatro Municipal | Universidade Nova de Lisboa
Biblioteca Nacional de Portugal | Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa
CMS Rui Pena & Arnaut | Instituto Superior de Economia e Gestão
Casa Fernando Pessoa | Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva | Fundação Oriente
Secretaria-Geral da Educação | Academia das Ciências de Lisboa | Museu Nacional dos Coches

www.metropolitana.pt facebook.com/metropolitanax | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320

Este concerto pode ser filmado e/ou fotografado pela organização. Caso não autorize o registo da sua imagem contacte o Relações Públicas da Metropolitana no local.

PRÓXIMOS CONCERTOS

CONCERTO DE ABERTURA CENTENÁRIO DE JOSÉ SARAMAGO

TERÇA 16 NOVEMBRO - 20H00

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
COM TEXTOS DE JOSÉ SARAMAGO

SUZANA BORGES LEITURA DOS TEXTOS | PEDRO NEVES MAESTRO

Joseph Haydn *As Sete Últimas Palavras de Cristo*

BILHETES À VENDA Preço: 9€ a 17€

BOL e locais habituais / Reservas / Info: Ligue 1820 (24 horas)
No São Luiz todos os dias das 13h às 20h

CANAL DA MANCHA

SÁBADO 20 NOVEMBRO - 17H00

PICADEIRO REAL DO MUSEU NACIONAL DOS COCHES

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

JIAN HONG VIOLONCELO | PEDRO AMARAL MAESTRO

Edward Elgar *Serenata para Cordas*

Frederick Delius *Concerto para Violoncelo e Orquestra*

Christopher Bochmann *Concerto para Orquestra (obra em estreia)*

BILHETES À VENDA Preço: 15€

Na Ticketline e locais habituais / Reservas / Info: Ligue 1820 (24 horas)